

Mas ao avistar o lobo selvagem agachado no teto do Frankensteyn, seu coração inseguro pareceu encontrar um leve sussurro de paz. Aquela familiaridade tranquila de velhos companheiros de guerra... Em seguida, Taylor ajustou o exagerado chapéu de chefe ork, endireitou as costas e ergueu sua catana militar Khet apontando para o céu. Ao seu lado, o Astartes em pé e sua postura espiando pelo teto do veículo compunham uma cena bizarra. O Frankensteyn acelerado liderava a frota, cercado por incontáveis veículos e aeronaves verdes que avançavam aos gritos. — WAAAAAAGH! — Taylor gritou, misturando vergonha, raiva e medo numa explosão tão alta e clara que qualquer ork entenderia na hora. Ele era MUITO Waaagh! O Lobo de Fenris não resistiu a uma risada. — Ahaha, que cena! Principalmente esse seu chapeirão! E então, o grandalhão humano também soltou seu berro, usando aquela voz gutural típica de Fenris: — WAAAAGH! Nos fundos, um sargento dos Ultramarines observava as imagens do servo-crânio, esfregando a testa. — Não contem isso pra ninguém. Ou todos nós estamos mortos! Os oficiais do Império assentiam como crianças repreendidas. Afinal, tinham acabado de testemunhar um Astartes gritando Waaagh! — só de mencionar, já era o suficiente para a Inquisição considerar fuzilá-los! Mas havia um lado bom: os orks estavam verdadeiramente INSPIRADOS. As linhas de defesa dos cultistas ruíram diante da horda verde com moral nas alturas. Carroças enferrujadas, até tanques Leman Russ e canhões voadores Thunderhawk modificados lutavam além do esperado. Os cultistas haviam erguido três pesadas linhas defensivas — trincheiras emaranhadas, conectadas por túneis, com fortalezas espalhadas como pregos em pontos estratégicos. A artilharia chovia, misturando verdes e hereges numa mesma explosão. No começo, os orks haviam varrido as defesas externas... até os cultistas começarem a entoar cantos estranhos. Seus corpos incharam como balões... — PUM! PUM! PUM! Taylor ficou boquiaberto. — Eles fazem QUALQUER COISA por seus deuses absurdos... O Lobo de Fenris revirou os olhos. — Nojento. Taylor encarou a cena de corpos explodindo em pastéis de carne. — Concordo. A Inquisidora cruzou os braços. — Os orks... estão sendo contidos? Esses lunáticos não temem a morte? Taylor deu de ombros. — Parece que não... Mas ele sabia que essa comédia não duraria. Porque a Legião de Ferro de Armageddon chegava. Centenas de transportes Chimera e tanques imperiais surgiram entre as hordas verdes, seus canhões trovejantes e metralhadoras multilaser cortando os hereges como grama. Os veículos orks atraíram o fogo inimigo, permitindo que as forças humanas avançassem quase intactas. Uma cooperação perfeita: os orks ganharam seu Waaagh!, os humanos, a vitória. Até que... Quando os Land Raiders vermelhos surgiram no horizonte, Taylor sentiu o primeiro calafrio. Eles escoltavam algo IMPOSSÍVEL — um monstro de 15 metros de comprimento, três vezes maior que um tanque normal. Blindagem grossa, casco inchado, armas que pareciam pequenas fortalezas... A pintura negra exibia a estrela do Caos de oito pontas, pulsando com luz profana. Era... As pernas de Taylor fraquejaram. O Lobo de Fenris assobiou, impressionado. — Que máquina linda... Um Baneblade. O supertanque imperial, uma das maiores dádivas do Deus-Máquina... e a segunda maior máquina de guerra terrestre do Império, perdendo apenas para os Titãs. [Capítulo 74: Aliança Frágil — Parte 3] Agora, os Land Raiders e o Baneblade formavam uma muralha no topo da colina — posição perfeita para varrer tudo num raio de 10 km. Desde que seus operários soubessem o que estavam fazendo. Mas mesmo sem expertise, aqueles canhões vulcano e metralhadoras pesadas eram suficientes para deter um exército dez vezes maior. Eles agiram como um "cessar-fogo físico", congelando instantaneamente a batalha. Orks cavavam trincheiras às pressas, enquanto a Guarda Imperial montava barricadas e canhões antiaéreos. Russes e Chimeras transformaram o local numa fortaleza... Mas dentro dos quartéis-generais, o pânico reinava. Um Baneblade nas mãos do Inimigo era um golpe brutal no moral. A máquina mais próxima dos Titãs sagrados... agora servia ao Caos. Um Alto Tecno-sacerdote se aproximou, seus três braços mecânicos tremendo em fúria. Sua voz robótica rangia: — Ô ÔMNISSIAH! BLASFÊMIA! PURA BLASFÊMIA! (Taylor "traduziu" mentalmente aquele sotaque mecânico digno de um Necron.) As lentes ópticas do sacerdote piscavam frenéticas, enquanto ele esbravejava contra os oficiais: — Como permitiram que profanassem uma DÁDIVA SAGRADA?! Um major da Legião de Ferro explicou, sufocado: — No início da invasão, nosso pessoal do arsenal foi corrompido. Quando descobrimos, o Baneblade já estava sendo levado por aeronaves hereges! Tychus (o Astartes) cruzou

os braços. — E porque isso foi omitido? Estão brincando com a vida de nossos soldados. — PELO IMPERADOR! — O major esfregou o rosto. — Não foi por falta de fé. Apenas... jamais imaginamos que conseguiriam ativar o Baneblade tão rápido. — Aquele tanque tem a alma metálica mais orgulhosa do Império. Só perde para um Titã! A conversa estava levando a um ponto que ninguém queria encarar: a temida Seita Mecânica das Trevas. Desde os tempos em que o Imperador ainda caminhava entre os humanos, o Culto Mecânico havia se dividido durante a grande invasão dos demônios. Parte deles permaneceu leal ao Imperador, seu Omimessias, enquanto outros mergulharam na busca por conhecimento sem limites, corrompidos e transformados na Seita Mecânica das Trevas. — Só esses hereges poderiam corromper uma máquina sagrada tão rápido... — pensou Taylor, sentindo que pronunciava algo profano. Era como se uma santa fosse sequestrada e voltasse como uma demônia para atacar aqueles que um dia a protegeram. Mas a corrupção de um tanque Baneblade não era algo tão simples. Seu canhão principal equivalia a um projétil maciço — Taylor tinha visto, em combate, um único disparo partir um tanque Lemman Russ ao meio. Seus canhões secundários eram armas de cerco, capazes de reduzir muralhas a pó e centenas de homens a pedaços de carne. A diferença entre um Baneblade e um Lemman Russ era maior do que a entre um humano comum e um Astarte. Mas Taylor já havia superado o choque. Entre a invocação de demônios e um Baneblade traidor no caminho, o desespero havia tomado conta dele. O posto de comando estava numa confusão total, líderes humanos e chefes orkos trocando insultos, sem saber se iam começar uma briga generalizada ou continuar reclamando. Taylor, vendo que a situação ia descambar para o caos, percebeu que, se não fizessem algo, Angron os exterminaria um por um. Eles não tinham um primarca como Lion El'Jonson, dos Anjos Negros, para salvá-los. Estavam enfrentando uma guerra quase apocalíptica. Com um golpe na mesa, ele chamou a atenção de todos. Os orkos cochicharam entre si: — Nunca vi o chefe com cara tão séria... Os oficiais humanos, por sua vez, ficaram impressionados com a postura de Taylor, quase como a de um marechal da Guarda Imperial, e instintivamente se alinharam, fazendo a saudação militar. Mas Taylor não disse uma palavra. Apenas saiu em silêncio, deixando para trás um ar de frustração. Dentro da tenda de comando, um oficial suspirou: — O que estamos fazendo? Se o Imperador nos visse assim, acharia que falhamos completamente... — Estamos deixando ele down! Brigando como bárbaros enquanto os hereges agem livremente! — outro completou, olhando para os demais com desgosto. O general, então, falou com firmeza: — Como um soldado de Armageddon, eu até aceitaria que os orkos vencessem — afinal, lutamos contra eles por séculos. Mas jamais permitirei que esses hereges coloquem as mãos neste planeta! Ele cravou sua espada na mesa, e os outros oficiais concordaram em coro. — Acabem com os hereges! Mas enquanto isso, o próprio Taylor, o "grande herói" que os inspirara, estava sentado em cima de seu Frankenstein, desabafando com um Astarte dos Lobos Espaciais. — Você não entende... Um simples mortal como eu sempre trava na hora H. Aquela situação foi constrangedora pra caramba... — Eles não ligam — o Astarte riu. — Nossa única preocupação é como lutar. Esses oficiais não entendem nada. Antes que Taylor pudesse reclamar mais, um mensageiro se aproximou: — Todos, graças ao discurso inspirador do Capitão Taylor, o alto comando recuperou sua determinação! — Agora, formaremos um esquadrão de elite com os Astartes para destruir aquele Baneblade. Se ele não é mais nosso, que descanse em paz! Pela vontade do Deus Máquina e do Imperador! — E você foi escolhido para a equipe de infiltração! Essa é a vontade do Imperador! Taylor quase cuspi o álcool. — Eu... fazendo trabalho de Astarte?! [Capítulo 75: Noite Longa, Parte 1] De repente, Taylor percebeu que todos o tratavam como uma unidade heroica. Mas ele sabia que não passava de um recruta — talvez nem fosse considerado um soldado de elite. Agora, estava lado a lado com um Astarte em uma missão de infiltração. Seu querido Frankenstein não podia ser usado, e o mais absurdo era pensar: como um Astarte, um gigante de quase três metros, faria uma missão furtiva? A menos que... como dizia o ditado: "se não há testemunhas, é uma infiltração perfeita". E foi exatamente isso que Taylor viu acontecer.